

## É NO SOM DO BERIMBAU:

### A Inclusão das Africanias do Português Brasileiro na Sala de Aula de Ensino Fundamental

Alenice Figueiredo Dórea<sup>1</sup>  
Alba Cristina de Brito Santos<sup>2</sup>  
Marcos Alex Mercês de Freitas<sup>3</sup>  
Maria Auxiliadora Gomes Maia<sup>4</sup>  
Michell Luis Dias Pita<sup>5</sup>

#### RESUMO

Este artigo refere-se a inclusão das *africanias* do português brasileiro na sala de aula de Ensino Fundamental. Trata-se de uma manifestação cultural afro-brasileira que soube usar de sua malícia para dialogar com a diversidade cultural de outros países, mas sem perder suas bases epistemológicas afro-brasileiras. Nesta pesquisa aplicando a metodologia da pesquisa bibliográfica procuramos reunir um conjunto de informações que oriente as discussões para uma segunda parte do trabalho, mais prática que é a criação de uma oficina, momento em que teremos a exposição e discussão detalhada de aulas práticas de português tendo a capoeira como foco. Conclui-se que os argumentos nos quais a língua emerge são fundamentais para a interpretação do que é dito, quando, por quem, para quem e para quê, ou seja, para o uso efetivo da língua.

**Palavras Chaves:** Inclusão. Africanias. Português. Brasileiro Ensino Fundamental

#### ABSTRACT

This article refers to the inclusion of Africanities in Brazilian Portuguese in the Elementary School classroom. It is an Afro-Brazilian cultural manifestation that knew how to use its malice to dialogue with the cultural diversity of other countries, but without losing its Afro-Brazilian epistemological bases. In this research, applying the methodology of bibliographic research, we seek to gather a set of information to

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana em Ciências Sociais (FICS). Licenciatura plena em pedagogia. (UNEB). Pós graduação em psicopedagoga institucional clínica e hospitalar. (Facceba). Licenciatura Plena em Língua Portuguesa. Faculdade de Ciências da Bahia (FACIBA). Mestrado incompleto na Sapiens. alenicefigueiredo@gmail.com

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana em Ciências Sociais (FICS). Licenciada em Pedagogia, Licenciada em História, Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional, Especialista Administração Pública e Gestão Pública, Especialista em Metodologia de Ensino Superior. Email: albacristinabrito@yahoo.com.br

<sup>3</sup> Mestrando em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana em Ciências Sociais (FICS). Licenciado em Matemática. Bacharel em Administração com Habilitação em Recursos Humanos, especialista em Docência do Ensino Superior. Email: marcusalex@gmail.com

<sup>4</sup> Mestranda em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana em Ciências Sociais (FICS). Especialista em Gestão Ambiental de Empresas pela Universidade Estácio de Sá. Graduada em Licenciatura em Biologia pela Faculdade de Tecnologia e Ciências-FTC. Email: doramaia33@bol.com.br

<sup>5</sup> Mestrando em Ciências da Educação pela Faculdade Interamericana em Ciências Sociais (FICS). Pós-graduado em Educação Física Escolar (CESAP) Pós-Graduado em Educação Física, Ludicidade, Recreação e Lazer pela Faculdade Metropolitana de São Paulo Email: mdiaspita@hotmail.com

guide the discussions for a second part of the work, which is more practical, which is the creation of a workshop, at which time we will have the exposition and detailed discussion of practical Portuguese classes having capoeira as focus. It is concluded that the arguments in which language emerges are fundamental for the interpretation of what is said, when, by whom, for whom and for what, that is, for the effective use of language.

**Keywords:** Inclusion. Africanias. Portuguese. Brazilian Elementary School

## INTRODUÇÃO

O mestre Pastinha assim definia a capoeira: “capoeira é muito mais do que luta, capoeira é ritmo, é música, é malandragem<sup>6</sup>, é poesia, é um jogo, é religião. A capoeira é tudo que a boca come” (*A vida de Mestre Pastinha: rei da Capoeira*, 2019, min. 21:57). Esse aforismo tornou-se um ensinamento base para a filosofia da capoeira, sendo repetido por vários de seus alunos, como mestre João Grande e mestre João Pequeno, e foi passando de geração a geração. Expressa, sobretudo, a diversidade performática e antropofágica dessa arte. A força da frase está na impossibilidade de definir um conceito, pois procura valorizar a diversidade epistêmica como produção de saberes.

Manifestação cultural afro-brasileira, a capoeira foi se constituindo como instrumento de resistência contra a escravidão a partir da memória dos ancestrais negro-africanos. Ela sofreu forte repressão por parte dos colonizadores escravistas e, durante muitos anos, foi considerada uma ameaça. Mesmo depois do decreto da abolição da escravatura, em 1888, a repressão continuou intensa<sup>7</sup>. Considerada um crime sujeito a prisão até os anos 1937, a capoeira continuou sendo jogada nas ruas, nos guetos, nos terrenos baldios, nas docas dos portos e foi nesses espaços que ela se disseminou.

Os mais de quatro milhões de africanos escravizados entre os séculos XVI e XIX tinham como principal arma o seu repertório histórico-cultural, seus saberes, suas memórias. Através dessas recordações, a capoeira foi ganhando forma, por exemplo, com a dança do *n'golo*, também conhecida como dança da zebra. Aderiu aos saberes das matrizes africanas: a forma semicircular de organização da roda, os giros anti-horários, também chamada de ‘volta ao mundo’); o uso de instrumentos

---

<sup>6</sup> Entenda-se *malandragem* no sentido de *malícia*.

<sup>7</sup> Na mesma época da abolição da escravatura, coincidentemente, nasciam Vicente Ferreira, o Pastinha (1889) e Manuel dos Reis Machado, o Bimba (1899). Ambos ingressaram no jogo da capoeira muito cedo, aos oito e doze anos de idade, respectivamente.

musicais como o atabaque, agogô, berimbau. Enfim, a capoeira tornava-se ‘perigosa’ justamente porque tinha no jogo da malícia, do gingado, seu elemento fundamental de resistência.

Devemos lembrar, no entanto, que nesse processo de constituição, a língua portuguesa também foi sendo apropriada pelos afrodescendentes. O então jovem Renato Mendonça<sup>8</sup>, em 1934, de forma precursora, em sua monografia *A influência africana no português do Brasil*, informa que os falantes negro-africanos, obrigados a falar a língua portuguesa como segunda língua, imprimiram marcas na sintaxe, na morfologia, no léxico, na semântica, contribuindo significativamente para a constituição do português brasileiro.

Ao entrar em contato com o vocabulário levantado por Renato Mendonça, dos verbos de origem africana, encontramos 3 palavras de uso cotidiano, “batucar”, “cochilar” e “xingar”, que devem ter vindo do quicongo ou do quimbundo. Vários outros poderiam ser acrescentados: “capengar”, “cochichar”, “fungar”, “fuxicar” e “zangar”, por exemplo. Dificilmente passamos um dia sem empregar pelo menos um deles, o que mostra como, no plano vocabular, o de apreensão mais rápida, a África nos valeu para expressar gestos e ações, além de nos ter legado os substantivos com que designamos vegetais, comidas, adornos, danças, instrumentos de música e os mais diferentes objetos que atravessaram durante tantos séculos o Atlântico. Ao longo deles, a África enraizou-se na maneira de falar e escrever do brasileiro, e é isso o que nos traz, com segurança, uma obra de um jovem estudioso mal saído da adolescência, num livro que entrou para a história da cultura brasileira.

A maioria desses falantes, pertencentes ao grupo etnolinguístico niger-congo, chegou ao Brasil falando suas línguas maternas, obviamente: bantu (quicongo, quimbundo e umbundo) e iorubá (nagôs e ewe-fon - mina-jeje), línguas estas que, no contato com a língua portuguesa, foram redesenhando o português brasileiro, como bem nos explica a etnolinguista Yeda Pessoa de Castro, no texto *Marcas de africania no português brasileiro*:

Qualquer falante nativo de uma língua tende a transferir para essa segunda língua, estranha para ele, hábitos linguísticos e articulatórios de sua língua primeira, e no Brasil não foi exceção, pois a consequência mais direta do tráfico transatlântico para o Brasil foi a alteração da língua portuguesa na antiga colônia sul-americana, o que se fez sentir em todos os setores,

---

<sup>8</sup> Cf. MENDONÇA, Renato. *A influência africana no português do Brasil*. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. Brasília: FUNAG, 2012.

léxico, semântico, prosódico, sintático e de maneira rápida e profunda, na língua falada.

[...]

Na voz majoritária dos negros trazidos dos reinos do Congo e Ndongo, o Brasil africanizou o português de Camões e apropriou-se do *samba* como símbolo de brasilidade, esvaziando o seu conteúdo religioso original de rezar, oral na celebração congo-angolana, para tornar-se um gênero musical dançante contagiado pela cadência rítmica e gestual do *semba*, semelhante à nossa umbigada. (2014, p.11).

A capoeira e o português brasileiro, portanto, foram se reinventando juntos. No processo de constituição, a capoeira, através das vozes negro-africanas, incorporou sua natureza polifônica ao português brasileiro de tal forma que ficou impossível pensá-la sem a presença dessa língua. Na capoeira, portanto, o uso do idioma português é mais do que aprender uma cultura de ilustração, significa aprender a estar *socialmente* em português, são modos de ser e de viver a língua, no seu gingado, língua viva.

A base da nossa cultura é, portanto, africana, e com a mistura de outras etnias como as indígenas e a portuguesa, por exemplo, surge nas palavras de Darcy Ribeiro (2006) a “ninguendade”, cria-se um povo que não é nem índio, nem português e nem africano, surge o brasileiro um povo vindo das misturas, um povo miscigenado.

## **1 A REINVENÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

A vinda dos negros africanos como escravos foi um marco histórico brasileiro, sobretudo do século XVI. Apesar das precárias condições da escravidão, os povos traficados jamais abandonaram a herança cultural do seu povo. Entre os principais grupos que vieram para o continente americano estavam os bantus e os sudaneses. O povo bantu foi o primeiro a fazer a viagem no tráfico transatlântico, dos vários dialetos existentes pela África, os que tiveram maior impacto no Brasil foram o quimbundo, o quicongo e o umbundo.

O que muitas pessoas não sabem é que o português falado no Brasil traz inúmeras palavras de origem africana. Em razão da escravidão dos negros da África no Brasil Colônia, houve uma importante contribuição do continente na formação do que podemos chamar hoje de idioma brasileiro. Muitas palavras existentes em nosso dicionário são usadas em comum sentido tanto aqui como em Angola, um exemplo que marca a forte ligação linguística.

O português que falamos no Brasil tem muitas influências e palavras de origem africana. Isso aconteceu porque, principalmente durante o período colonial, os negros foram trazidos da África como escravos, para trabalhar na lavoura. Os africanos trouxeram consigo sua religião - o candomblé - e sua cultura, que inclui as comidas, a música, o modo de ver a vida e muitos dos seus mitos e lendas. Trouxeram as línguas e dialetos que falavam.

Os povos bantus, que habitavam o litoral da África, falavam diversas línguas (como o quicongo, o quimbundo e o umbundo). Muitos vocábulos que nós usamos frequentemente vieram desses idiomas, por exemplo, "bagunça", "curinga". Hoje, podemos observar no dicionário brasileiro uma variedade de termos que usamos em nosso dia a dia, sem termos a noção de sua origem africana, mais especificamente do grupo bantu. Entre os exemplos encontramos: abadá, caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, candango, canga, capanga, carimbo, caxumba, cochilar, corcunda, denço, fubá, gíbi, macaco, maconha, macumba, marimbondo, miçanga, moleque, quitanda, quitute, tanga, xingar, banguela, babaca, bunda, cafofo, cafundó, cambada, muquirana, muvuca.

É importante termos a consciência de que a África é uma das responsáveis pelo português que temos hoje no Brasil. Um idioma rico e variado, originado de vários povos e que conquistou sua identidade única por conta da forte miscigenação linguística.

Podemos compreender que a entrada de grande número de africanos no Brasil, com suas diferentes culturas e línguas, passou por um processo de adaptação, certo ajuste cultural e linguístico com a assimilação de novas palavras e, conseqüentemente, a forma como elas orientavam o entendimento da nova realidade vivida em português. Entretanto, também podemos visualizar a presença das palavras africanas nos diferentes espaços da cultura brasileira.

Nesta história, as arestas de como a realidade brasileira era significada são alargadas diante das palavras das babás, amas de leite e mucamas, negros e negras que, com seus fazeres e saberes, marcaram a dinâmica da vida privada dos lares brasileiros. No ambiente da vida pública, o conhecimento de ferreiros, marceneiros e quitandeiras edificavam o cotidiano das ruas com suas palavras. Essas são algumas das palavras africanas que continuam vivas a significar comportamentos e relações sociais, outras ganharam o sentido de gíria na língua portuguesa falada no Brasil, como *babaca* (para dizer bobó)

*borocoxô* (triste), *biboca*, *cafofo* ou *mocambo* (forma de nomear uma casa simples), *canfundó* (lugar distante), *calombo* (calo na cabeça), *cambada* (grupo de pessoas), *coroca* (velho), *fuçar* (procurar), *fulo* (bravo), *fuzuê* (confusão), *sacana* (de comportamento duvidoso), *molambento* (mal-arrumado), *tribufu* (pessoa feira), *urucubaca* (uma forma de nomear o estado de falta de sorte), *xodó* (fazer carinho). As línguas provenientes dos grupos culturais da África Ocidental, com destaque para um idioma formado por uma infinidade de falares semelhantes, que entre nós ficou conhecido como iorubá.

Ao contrário do que algumas pessoas pensam, o estudo dos falares populares é tão fundamental para o conhecimento de uma língua quanto a abordagem dos modos “cultos” de usar o idioma. Por esse motivo, é muito importante estudar as formas como os africanos utilizaram a língua portuguesa que aprenderam entre nós, porque daí saíram muitos usos linguísticos que estão no dia a dia, na oralidade dos brasileiros.

## **2 A CAPOEIRA COMO INSTRUMENTO DE DIFUSÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

A capoeira e o português brasileiro, portanto, foram se reinventando juntos. No processo de constituição, a capoeira, através das vozes negro-africanas, incorporou sua natureza polifônica ao português brasileiro de tal forma que ficou impossível pensá-la sem a presença dessa língua. Na roda, o português brasileiro transforma-se numa língua que escuta, que vibra, que sente o corpo, que questiona, que afaga, que ataca, que contagia, enfim, que potencializa o diálogo com o outro. Com todo esse repositório polifônico, não nos surpreende o fato da capoeira ter se difundido de forma tão rápida no Brasil e no mundo.

Em meados do século XX, os trabalhos empreendidos pelo Mestre Pastinha e Mestre Bimba deram novo fôlego à capoeira, que, da marginalidade dos guetos, passava a ganhar os espaços sistematizados das academias. Em 1932, Mestre Bimba fundou a primeira academia de capoeira regional chamada *Centro de Cultura Física Regional*, que recebeu o registro de funcionamento da secretaria de educação em 1937. Mestre Pastinha, por sua vez, registra sua escola em 1941 com o nome de *Centro Esportivo de Capoeira de Angola* (CECA). Como grandes mestres e filósofos orgânicos, ambos contribuíram significativamente para a difusão

da capoeira em âmbitos nacional e internacional, mas, infelizmente, não usufruíram financeiramente da expansão desse mercado cultural. Os dois grandes mestres da capoeira morreram pobres<sup>9</sup>, mas deixaram um legado ao ensinar aos seus alunos a potencialidade da epistemologia de saberes da cultura afro-brasileira.

Em 2008 e 2014, respectivamente, a capoeira tem reconhecido seu registro como Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN<sup>10</sup>) e Patrimônio Imaterial da Humanidade (UNESCO). De luta proibida e cerceada a patrimônio cultural, a capoeira ganhou o mundo, internacionalizou-se e, com essa expansão, também promoveu a internacionalização do português brasileiro. De acordo com informação do IPHAN, no preenchimento do pedido de inserção da capoeira como Patrimônio da humanidade na UNESCO, arquivo de nomeação no. 00892, atualmente, ela está presente em cerca de 150 países.

Bruno Amaral Andrade (2012), pesquisador e praticante da capoeira de angola, no seu texto *Configurações Lusófonas*, refere que, nesse processo de internacionalização, a capoeira cria e produz espaços de lusofonia mediados pela língua portuguesa. Interrogar sobre esses espaços, segundo ele, “significa tanto analisar a peculiaridade da presença da língua portuguesa no seu âmbito interno, como interrogar sobre as memórias culturais e as performances enunciativas trazidas à tona quando da sua propagação” (ANDRADE, 2012, pp 152-153). Vejamos uma transcrição da entrevista por Marcos Alex, um dos autores deste artigo, realizada com o Mestre Mandinga, do grupo *Raízes e Estilo*, de Santo Amaro:

As músicas da capoeira são cantadas em português, então forçam aos participantes a aprender português. E aquela graduação que é elevada, os capoeiristas internacionais tem que vir no Brasil para conhecer a capoeira brasileira... Então a língua portuguesa é muito forte dentro da capoeira... se você chegar em qualquer país e quer encontrar alguém que fale português, procure um centro de capoeira que você vai encontrar alguém lá que fala português. A língua portuguesa é muito forte dentro da capoeira... eu desconheço um esporte que faça isso, porque a capoeira é cantada e é proibido se cantar em outra língua. E o que é importante na capoeira é que ela é jogada, mas também muito pensada, eu gosto que meus alunos pensem numa trajetória, porque se eles não forem capoeiristas, mas vão ser bons cidadãos. (ALEX, 2021, [s.p.]

---

<sup>9</sup> Mestre Bimba faleceu aos 74 anos de idade, no dia 05 de fevereiro de 1974, em Alagoas, para onde havia se mudado com sua família em busca de melhores condições econômicas. Já Mestre Pastinha, faleceu em 13 de novembro de 1981, aos 92 anos de idade, numa casinha humilde e sem muitos recursos.

<sup>10</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Portanto, os estudos sobre os espaços lusófonos de aprendizagem da língua portuguesa poderão ser enriquecidos sobremaneira pelo viés epistemológico do termo *africanias*, como afirma Nina Friedmann (1988), no sentido de que é preciso assumir a força da produção de saberes negro-africanos na formação do português brasileiro, pois dessa forma poderemos potencializar espaços de aprendizagem outros.

O (re)conhecimento da capoeira como um espaço que contribuiu, e continua a contribuir, de forma efetiva para a constituição do português brasileiro e para sua difusão traz para nós, professores do ensino fundamental, uma virada epistemológica que acrescenta muito a nossa produção de saberes. O primeiro desses saberes é perceber como a bagagem cultural submergida do inconsciente iconográfico dos negro-africanos se fez perceptível na língua, na cultura, na música, na dança, nos modos de ser e de ver o mundo e, por conseguinte, como essa bagagem cultural transformou-se em matrizes partícipes na construção daquilo que nos identifica como brasileiros.

É no escopo do campo epistemológico da capoeira que procuramos refletir – aqui pedimos licença para escrever em primeira pessoa – sobre três pontos importantes em relação a esse contexto: primeiro, qual é nosso papel como professores na inclusão das *africanias* no ensino fundamental? Segundo, como a capoeira, na verdade, nos ensina a lidar com formas outras de aprendizagem? O que isso pode interessar a nós professores de português para ensino fundamental? Os saberes que a capoeira enseja no seu espaço-corpo podem contribuir muito para o entendimento de como lidar com os espaços de ensino de língua portuguesa, sobretudo do português brasileiro. A cultura e a língua na capoeira estão ocupando um mesmo espaço, estão no mesmo lugar.

Nas rodas de capoeira, podemos compreender outras formas possíveis de inscrição e transmissão de conhecimento que vão além de um ensino pragmático, mas que são grafados pelo pensamento para o sensível, para o estar junto e presente com o outro, pois:

No âmbito brasileiro, por via da comunicação transcultural, sugerimos a possibilidade de um novo jogo de linguagem: uma filosofia de ‘negociação’ (os nagôs, como os antigos helenos, sempre foram grandes negociantes), sem entender ‘negócio’ apenas pelo vezo moralista das trocas comandadas pelo capital e sim como também a troca simbólica do dar-receber-devolver, aberta ao encontro e à luta da diversidade (SODRÉ 2017, p.44).



Para tanto, convidamos neste artigo a criarmos aqui nossa 'roda' e pensarmos juntos formas outras de educar para o sensível, sendo muito importante para isso entendermos que somos aprendizes de uma arte magnífica que representa de forma tão bela a cultura afro-brasileira e o português brasileiro.

## CONSIDERAÇÕES

Os contextos nos quais a língua emerge são essenciais para a interpretação do que é dito, quando, por quem, para quem e para quê, ou seja, para o uso efetivo da língua. Esses contextos de interação que aqui propomos dizem respeito ao ensino de português tendo a capoeira como objeto. Nessa perspectiva, os objetivos das aulas devem ser construídos para que os participantes (capoeiristas ou apreciadores dessa arte) possam interagir de forma dialógica na roda. Essa interação, claro, deve envolver os objetivos comunicativos de uso efetivo da língua que envolvem a produção oral e escrita, mas sem perder de vista o conjunto de saberes histórico-culturais da capoeira.

No processo de elaboração de unidades com esse foco, conhecer os diversos aspectos histórico-culturais da capoeira é essencial para a interação desse público. É muito comum, por exemplo, os praticantes perguntarem em sala de aula: o que significa gingado, malícia? E por que o apelido de meu camarada é Dendê, Cobra Mansa, Pimenta Malagueta, Sucuri...? E sobre o Mestre Pastinha e o Mestre Bimba, poderia falar mais sobre eles? E a dança Maculelê, qual a origem? Maculelê realmente existiu? Enfim, há um repertório de curiosidades em relação ao mundo da capoeira que fascina os praticantes.

Essas aulas podem ser realizadas de forma remota? A capoeira é uma manifestação cultural que envolve um vasto repertório de material online: chulas, ladainhas, vídeo dos Mestres, rodas, filmes, documentários, fotos e pinturas como as de Pierre Verger e Caribé, livros infantis como *Pastinha: o menino que virou mestre de capoeira* (2011), quadrinhos como *Aú: o capoeirista* (2008) etc. Um vasto repertório que envolve a polifonia da capoeira: música, dança, jogo e poesia.

A intenção deste material é já movimentar a curiosidade dos colegas para pesquisar sobre essa manifestação cultural, ler sobre o assunto, pensar em ideias,

enfim, começar a construir sentidos para movimentar com a capoeira que é nosso patrimônio cultural brasileiro.

## REFERÊNCIAS:

ALEX, M. **Entrevista com Mestre Mandinga**, do grupo Raízes e Estilo, de Santo Amaro. Dezembro, 2021.

ANDRADE, B. A. **Configurações lusófonas**: uma peculiar lusofonia a partir da internacionalização da capoeira, do seu conteúdo cultural e da especificidade do uso da língua portuguesa. Revista Angolana de Sociologia [*On-line*], n. 10, 2012, 20 nov. 2013. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/ras/282>>. Acesso em: 25 maio 2019.

ARTES DA CAPOEIRA. TVE Bahia. Direção de Josias Neto. Dezembro de 2012. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=dBjatmLvT\\_g](https://www.youtube.com/watch?v=dBjatmLvT_g)> Acesso em: 07 de novembro de 2018.

CASTRO, Y. P. **Marcas de africania no português do Brasil**: o legado negroafricano nas américas. Africanias.com, n. 6. 2014. Disponível em: <[http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n\\_6\\_2014/yeda\\_pessoa\\_de\\_castro\\_n\\_6.pdf](http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_6_2014/yeda_pessoa_de_castro_n_6.pdf)>. Acesso em: 04 de agosto de 2020.

CASTRO, M. C.; QUEIROZ, S. **Brasilidades que vêm da África**: Música. Minas Gerais: FALE/UFMG, 2008.

FRIEDMANN, N. **Cabildos negros, refúgios de africanias em Colombia**. Em Revista Montalbán, Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, 1988.

MARTINS, L. M. **Performances da oralitura**: corpo, lugar da memória. Letras (Santa Maria) Santa Maria, v. 25, p. 55-71, 2003.

MENDONÇA, R. **A influência africana no português do Brasil**. Apresentação de Alberto da Costa e Silva, prefácio de Yeda Pessoa de Castro. Brasília: FUNAG, 2012.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES DO BRAZIL. **Português para praticantes de capoeira**. Brasília: FUNAG, 2020. Disponível em: <[http://funag.gov.br/biblioteca/index.php?route=product/product&product\\_id=1026](http://funag.gov.br/biblioteca/index.php?route=product/product&product_id=1026)> Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

NUNES, J. H. **Discurso e instrumentos linguísticos no Brasil**: Dos relatos de viajantes a primeiros dicionários. Rio de Janeiro: [s], 1996.

PETTER, M. M. T. **Talvez sejam africanismos**. Estudos linguísticos XXIX-GEL. São Paulo: GLESP, 2000.

RIBEIRO, D. **O povo brasileiro**. São Paulo: Companhia de Bolso, 2006.

SODRÉ, M. **O pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

TV BAHIA. **A Vida de Mestre Pastinha**: rei da capoeira. Direção de Carolina Canguçu. Bahia: 2019. 60 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Aiufa8mh9fs&t=1013s> Acesso em: 10 de fevereiro de 2021